

ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO A SEREM DESENVOLVIDAS COM OS ALUNOS DE 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Thaíara Gonçalves Alves¹
Hellen Conceição Cardoso Soares²

RESUMO

O presente trabalho de dissertação acompanha as diversas teorias antigas e atuais da educação, no processo de alfabetização. Portanto, engloba características específicas de cada método, técnica e pensamentos originados de inspirações para dedicação de muitas práticas pedagógicas. Partimos da análise de melhor aproveitamento, compreensão e momento para cada aprendiz e educador, tornando necessário também entender a absorção de cada indivíduo. Para tanto se destaca também na criatividade de incentivos a serem trabalhados com as crianças, objetivando sempre uma aprendizagem resultante de conhecimentos progressistas.

Palavras chave: Estratégias. Alfabetização. Processo Ensino Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work of dissertation follows the several ancient and current theories of education, in the literacy process. Therefore, it includes specific characteristics of each method, technique and thoughts originated from inspirations for dedication of many pedagogical practices. We start from the analysis of better use, understanding and moment for each learner and educator, making it necessary also to understand the absorption of each individual. The creativity of incentives to be worked with children is also highlighted, always aiming at learning resulting from progressive knowledge.

Keywords: Strategies. Literacy. Process Teaching Learning. Student. Teacher.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas

² Mestre em Administração: gestão de pessoas, Esp. Em Psicopedagogia e em Educação, graduada em História e docente do Curso de Professora da Faculdade Atenas

INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido sobre o modo de ensinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental I atualmente; pois garantir que nesse período o aluno leia, escreva e entenda no início da sua vida escolar, é um desafio.

Segundo Emília Ferreiro (1996, p 24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” A autora destaca o papel da criança nos dias de hoje, como indivíduos ativos e pensantes em contínuo processo de aprendizagem; e faz um alerta aos educadores para buscarem melhores estratégias metodológicas de ensino, através de experiências significativas apoiadas aos avanços do ensino/aprendizagem.

No processo de aquisição da leitura e escrita a criança passa por etapas individuais, momentâneas e variáveis, aos quais durante a prática de curto, médio e longo prazo demonstra sua competência de linguagem. Sendo importante destacar o respeito e compreensão quanto ao desempenho de cada um; onde é exteriorizada sua própria construção de conhecimentos graduais de esquemas internos cognitivos e externos sociais.

Conforme Freire (1996, p.59):

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução interação, Através do desnivelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente sociedade global.

E na busca destes tais contextos trabalhar com estratégias divertidas de aprender, de forma prazerosa com brincadeiras que aproxime cada vez mais da realidade lúdica e também incentive e estimule o cognitivo às novas aquisições de conhecimentos partindo do que a criança já sabe para o novo que virá, associando de maneira divertida para tal faixa etária estudada.

O professor deve se apropriar das ferramentas para a estruturação do seguimento de habilidades da leitura e escrita. Propiciando ambientes prazerosos, ricos de reflexão, comparação, entre outras intenções de produção.

Desse modo, assegurar-se exercício do alfabetizador quanto a diversos ganhos que se pode vivenciar, através sistema de escrita, da capacidade leitora demonstrando além dos elementos básico do conteúdo escolar, mas também como cidadãos letrados.

ALFABETIZAÇÃO NOS 1º E 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: CONCEITO E PROPÓSITO

Vivencia-se anseios de propósitos nas etapas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I, onde é vigente a responsabilidade no caminho da alfabetização. A alfabetização na etapa de seis e sete anos discutidas em diferentes momentos por teóricos tradicionalistas, construtivistas, sócio-interacionistas e outros; onde cada um em sua cooperação de objetivos, conhecimentos e habilidades que motive o professor a tais. Com isso alfabetizar uma criança não é nada fácil precisa-se de muita dedicação.

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio á memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstancias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 1986, p. 92)

A aprendizagem desencadeia processos pelos quais propõem a explicações a partir de diversas teorias e práticas, mostrando de que forma a criança ou individuo aprende. E a fase da alfabetização nos remete a difíceis esclarecimentos.

Conforme Caglialli (1999 p. 12) :

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente.

Dessa forma, o autor nos remete a compreender o processo da alfabetização como o encontro da leitura e escrita traves do alfabeto e sua utilização como meio de comunicação, obtidas a medida das junções em seu tempo especifico, para ambas as capacidades de descobertas. Por muito tempo achava-se que ser alfabetizado era conhecer o código linguístico, ou seja, conhecer as letras do alfabeto. Hoje em dia embora haja ainda essa necessidade, não é suficiente para ser competente no uso da língua escrita.

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (Barbosa, 2013, p.19).

Segundo Carvalho (2014) a maioria das pessoas lembram-se desse momento, mas não conseguem decifrar claramente de que forma foi alfabetizado; porque é um tempo difícil árduo, sofrido e às vezes remete até mesmo ao fracasso. Onde ficaram recordações de broncas e pressões por parte dos pais aos filhos e professores, e aos professores terríveis mistérios cognitivos que os fazem buscar maneiras possíveis, para ensinar da melhor maneira possível, para depois não obter nenhum resultado.

Carvalho (1987), citou também em uma proposta sobre alfabetização, um conjunto de fatores escolares responsáveis por fracassos que afetam fortemente esse tão importante processo; como as condições inadequadas quantidade numerosa de aluno em uma mesma classe, jornada escolar, despreparo dos profissionais, métodos inadequados ou não, bem aplicados, material didático desinteressante, falta de bibliotecas, salas de leitura etc.

Segundo Queiroz (1953) citado no livro, Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre teoria e a prática de Marlene Carvalho, em uma palestra para professores expressou uma ilustre experiência com saudade de um personagem do livro em que a prendeu a ler. Disse o escritor: “Lili foi minha primeira namorada”. Ele conta sua vivência de amor com o tão apaixonante livro, que foi o livro que ele aprendeu a ler.

Françoise Dolto escritora e psicanalista francesa, também relata um trecho de sua curiosidade de aprender a ler.

Eu ia balbuciando com uma voz tensa, os olhos fixos no texto pra juntar as letras. Então ela (a professora) me dizia: “escute o que está lendo! Está muito bem muito bem você lê perfeitamente, mas escute o que está lendo!” E aí, um dia consegui escutar: eram sílabas separadas, mas que queriam dizer alguma coisa se fossem agrupadas aos serem ouvidas. Agora sabia ler e não queria mais largar o texto queria continuar.” (DOLTO, 1990, p.72)

De acordo com Ferreiro (1996), “o desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvidas, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”. Afirmando ainda Ferreiro, que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola, e que não termina ao finalizar a escola primária.”

Oportunizando ao indivíduo perspectivas de construções de um sistema de representação, e a reinventar suas próprias concepções e de atrelar sua aprendizagem ao seu cotidiano de forma significativa e prazerosa.

Para Freire (1979) “aprender a ler e escrever, ser alfabetizado antes de qualquer coisa, é aprender a ler o mundo, compreender seu contexto sem manipulações, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.



E alfabetização desempenha o papel de inserir o indivíduo na sociedade sendo capaz de agir e opinar de maneira consciente, harmoniosa e equilibrada. Alfabetizar desencadeia muito mais do que simples codificação e decodificação, mas também capacidades, habilidades e atitudes que construção, compreensão e produção de algo; desempenhando possibilidades de mudanças de comportamentos, pensamentos e cultura, mostrando assim o quão encantador é este acontecimento.

LEITURA E ESCRITA

Nos diferentes tempos, métodos, técnicas, filosofias e teorias da educação, propõem-se a desvendar como a criança aprende – sociointeracionismo, tradicionalismo, construtivismo, estímulo-resposta dentre outros. Essas diferentes formas do processo de ensino aprendizagem são embasamentos na formação acadêmica de professores em diferentes épocas. Mas nem sempre justificam nem fundamentam o motivo de alguns alunos terem facilidade para aprender, enquanto outros não.

Soares em seu livro *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento* (1991) ressalta que o método surgiu a partir da necessidade de embasamento sobre o processo de aprendizagem de leitura e escrita, com isso as formas de alfabetização determinam normas a serem seguidas pelos envolvidos no processo; evoluindo com a sociedade que exige cada vez mais táticas inovadoras.

Smith (1999), um estudioso da leitura, a partir da perspectiva psicolinguística, diz: “todos os métodos, por mais estapafúrdios que pareçam dão certo com algumas crianças, mas nenhum deles é eficaz com todos”. O autor cita alguns pontos importantes para aprender a ler; um material que faça sentido e interessante e a supervisão de um guia.

Delegando aos professores as atribuições com clareza, de seu importante papel para escolha do método apropriado a cada momento específico. A ativa divulgação e o elevado prestígio de Ferreiro (1987), gerou marcantes mudanças que fizeram com que o interesse do professor ensinar favorecesse para a aprendizagem significativa aos alunos.

Conforme Carvalho (1977) as escolas brasileiras se fundamentam em pesquisas e publicações acadêmicas para o enriquecimento de práticas eficazes, tornando-se cada vez mais ausente na busca de interesses motivacionais de aprendizagem. Nesta perspectiva precisam-se desenvolver facetas cognitivas, pedagógicas e sociológicas pelas quais são desenvolvidas através de todos os métodos específicos.

MÉTODOS DE LEITURA E ESCRITA

Os métodos de alfabetização sofreram e sofrem variações conforme os períodos históricos com isso foram organizados para atender as diferentes perspectivas de estudos e análises, foram divididos em dois agrupamentos. E conforme Cagliari (1998).

No método sintético é trabalhado das partes para o todo, compreendida como alfabético silábico e fônico. No alfabético a criança reconhece as letras, seus sons e combinações. Conhecido como soletração, pois ensina o aluno a soletrar as sílabas até reconhecer a palavra por completo, por exemplo: “d” com “a”, “da”, mais “d” com “o” “do” que é igual a palavra “dado”. Silábico o aluno é ensinado primeiro a família da sílabas. Fônico, a partir do som das letras a criança associa representação alfabética. Ensinadas primeiramente as vogais depois consoantes, sílabas e então palavras.

É desenvolvido através de cartilhas ou apostilas. Propondo o distanciamento da realidade e significados, para a estratégia de acompanhamento do sistema de escrita. E por não aproveitar as experiências do aluno recebe muitas críticas, devido aos decorebas e repetições de exercícios; com aprendizado de forma tradicional.

Já no método analítico, determina é determinado por, palavração, sentencição e global. Na palavração o aprendizado é desenvolvido através da apresentação da palavra, reconhecer o som de cada letra exposta e depois de forma concreta são desenvolvidas as atividades de hipóteses e construção de escrita. A sentencição trabalha com processo iniciado por frases e depois significados, sentidos e escrita. No global o ensino é desenvolvido com diversas estruturas textuais exploradas do começo, meio e fim.

E a soma dos três ou métodos e alfabetização misto, variados autores atuais misturam elementos desses métodos, com objetivo de instigar a pensar e perceber o importante conhecimento da leitura e escrita de forma construtiva e significativa e de acordo com o desenvolvimento cognitivo. Por possibilitar a aplicação de forma individual e coletiva não descarta a experiência que o aluno traz consigo, aliando as práticas de leitura e escrita.

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita. (Carvalho,2002, p.12).

Desde muito tempo vemos propostas e mais propostas que defendem a demonstração dos métodos. Antigamente o ato de ler e escrever eram por meras descobertas e

repetições. Os métodos muitas das vezes não eram culpados sozinhos, pois os professores se sentiam donos do processo e do cérebro de cada aluno. Com isso foi se detectando o fracasso escolar e da pouca preparação dos profissionais.

Nessa perspectiva, o sucesso ou fracasso da alfabetização relaciona-se com o estágio de compreensão da natureza simbólica da escrita em que se encontra a criança. (SOARES, 2003, p. 19).

Conforme Carvalho (2002), a partir das décadas de 80 e 90, surgiu um cenário com uma nova proposta de educação através de Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Jean Piaget, Vygotsky e seus parceiros, onde estabeleceu a criança como o foco central, sujeito ativo do processo de ensino/aprendizagem. É o professor como facilitador e mediador de seus alunos. Em uma nova visão de avaliar as considerações dos erros e acertos dos alunos e que a alfabetização vai além de habilidades de saber ler e escrever.

ESTRATÉGIAS PARA ESTIMULAR OS ALUNOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Aprender apenas os conteúdos básicos para os níveis de ensino, já não é o único objetivo para as crianças irem às escolas atualmente. O ambiente escolar proporciona grandes descobertas, socialização, troca de experiências dentre outros muitos propósitos. Portanto a escola desempenha um importante papel influenciador para seu comportamento e aprendizado. (Carvalho 2014)

Por tais responsabilidades assumidas diariamente, o educador também encontra, muitos alunos desinteressados, prejudicando assim o processo de ensino/aprendizado. Tornando-se a existência de várias perguntas e reflexões que rodeiam os profissionais da educação de alguns temas recorrentes:

- Como agir em determinada situação ou determinado aluno?
- Como lidar com o atraso escolar?
- Deque forma garantir a disciplina e ou interesse das crianças difíceis?
- Como garantir o autor respeito de toda comunidade escolar se não conseguir alfabetizar tais alunos?
- Como ajudar meus alunos com desvantagens sociais. Tais problemáticas são reflexões que desencadeiam preocupações ao longo dos anos e angustia, frente a tamanha responsabilidade assumida pela profissão.

Para Almeida (2009, p.11):

Há de se considerar ainda que existem dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita que são relacionadas às causas pedagógicas, ou seja, quando técnicas, métodos e ações educacionais não são condizentes com o potencial da criança. Isto quer dizer, quando os professores usam situações pedagógicas, que não possibilitam uma percepção ou, tampouco, um acompanhamento das ações educacionais. Este quadro vai se acumulando, e a criança fica sem o que chamamos de conhecimento de base [...] Resta-lhes, então, somar dificuldades em cima de mais dificuldades. Estas não existiriam se os métodos utilizados para com estes alunos fossem adequados às suas formas de ver e aprender seus conteúdos.

Dessa forma, o fascínio pelo percurso no processo de aprendizagem propicia em caminhos a serem percorridos, pelo qual damos o nome de estratégias, métodos ou técnicas de formas criativas, aplicadas para ensinar ou mediar tal conteúdo trabalhando através da própria experiência vivida.

ESTÍMULOS À LEITURA

Pensando na aquisição de uma importante aprendizagem dos alunos na seriem iniciais para obtenção da leitura e escrita, é preciso valorizar processo da leitura; não em ordem secundária, apenas naquele finalzinho de aula ou caso sobre tempo; somente para que os alunos não fiquem dispersos ousem fazer nada. Essa é uma atividade que necessita ser planejada e diariamente desenvolvida não apenas pelos alunos, mas também entre s professores em geral. (Vieira, 2006)

Havendo assim variadas maneiras de execução de atividade de leitura e escrita, com caminhos certos e incertos, dependendo da turma. Conforme Vieira (2006) “a biblioteca escolar proporciona aos alunos o livre acesso aos livros de todas as formas, tamanhos e cores”. Dessa forma sugere aos profissionais dessa área a dimensão do estímulo que precisa ser dado, com organização de horários para o uso constante e o incentivo a leitura de variados gêneros textuais, para todas as idades; desempenhando bons motivos para realizar a criatividade pois os professores conhecem bem seus alunos, seus sonhos, gostos e interesse.

Biblioteca é por excelência o lugar de acesso a livros, coleções, periódicos, jornais, gibis. Enfim, aos mais variados tipos e alternativas de materiais impressos. Além disso, espaço com lápis e papel, para que um leitor inspirado tenha chance de fazer seus registros, copiar um poema que o fascinou, um título de romance para recordar a um amigo, ou simplesmente para escrever algo de seu interesse (VIEIRA, 2006, p. 8)

Ao definir a biblioteca como um espaço prazeroso de aprendizagem, também destaca a aproximação do que está sendo lido com o objetivo de aprofundar o entendimento. Podemos acrescentar dentre as variadas maneiras de trabalhar com a leitura, apresentação oral de maneira bem simples e utilizar de estratégia de levar o próprio leitor a contar a história para a classe. (Vieira 2006). Em vez de apenas responder um questionário, oportuniza ao aluno o momento de partilhar seu prazer de leitura com toda a sala.

Outro caminho é o dicionário para ampliar os conhecimentos (Vieira 2006, p.34).

O dicionário é um tipo de livro muito especial, porque nele está registrada uma grande quantidade de palavras da nossa língua, palavras que usamos e que já não usamos mais, palavras que são usadas em algumas regiões do país e não em outras, palavras muito usuais e palavras muito raras. É muito interessante ver a surpresa de algumas crianças quando elas descobrem que estão no dicionário palavras que elas não podem ou não devem pronunciar, os palavrões, palavras relacionadas ao seu corpo, sua sexualidade, etc.

Com isso, o uso dessa ferramenta dessa ferramenta de ensino desempenha importantes funções cognitivas, sociais e saberes para o uso das palavras e seus significados, e com elas abrimos portas para demais vocabulários. Para tanto o constante uso do dicionário desencadeia momentos de surpresas e grandes descobertas conforme o processo e interesse.

JOGOS E BRINCADEIRAS

O lúdico constitui uma ferramenta pedagógica fundamental para a alfabetização, sendo antes de tudo diversão, que desperta a aprendizagem prazerosa. Ao referirmos a um processo tão delicado como a fase da alfabetização, e que acarreta a desenvolver na criança a compreensão de símbolos, seus sons e tantos significados, associados uns aos outros, é um complexo desafio. Desse modo, o professor como um mestre conhecedor do perfil de seus alunos, percebe que o ato de brincar é um grande aliado da aquisição do conhecimento na criança.

Os jogos e brinquedos são reconhecidos como meios de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, de forma a estimular, na criança, a curiosidade, a observação, a intuição, a atividade, favorecendo seu desenvolvimento pela experiência. Esse interesse e essa valorização do brincar na educação não são recentes; sua importância foi demonstrada já na educação greco-romana, com Aristóteles (384-322 a.C.) e Platão (427-348 a.C.). A partir de então, muitos teóricos, como Montaigne (1533-1592, Comênio (1592-1671), Jean-Jaques Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827) e outros, frisaram a importância do processo lúdico na educação das crianças. (FURTADO, 2008, p.56).

O papel do professor nesse momento é de suma importância, pois ele cria o espaço para fazer mediação da construção; onde há interação com os alunos como contribuintes no avanço da leitura e escrita. Conforme a turma será confirmada as necessidades de atividades cada vez mais animadas e criativas, pensando na diminuição de ansiedade e bloqueio, o que poderá ser resultante conforme a proposta que melhor se adequar. Dessa forma é possível trabalhar de diversas maneiras um único objetivo que englobe muitos outros: nos jogos e brincadeiras – as regras, relações interpessoais, ética e respeito. Motivando assim indivíduos que contribuem no processo de ensino aprendizagem coletivo.

Também através dos jogos e brincadeiras os alunos são oportunizados a contínuos estímulos e práticas enriquecedora. Para Piaget (1994) o lúdico “é um processo de ajuda ao desenvolvimento da criança: acompanha-a, sendo ao mesmo tempo, uma atividade consequente de seu próprio conhecimento”

O jogo como promotor de aprendizagem e do desenvolvimento passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que coloca o aluno diante de situações lúdicas como o jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-los dos conteúdos culturais a serem vinculados na escola. (KISHIMOTO, 1994, p.13)

Na escola, os jogos e brincadeiras é um caminho divertido de aprendizagem motivador e planejado. Muitos se esquecem de que as crianças gostam mesmo é de brincar. E com isso aliá-las a estímulos no processo de alfabetização é uma importante a oportunidade e um ensino eficaz. O brincar faz parte do ambiente natural da criança, o jogo remete a referencias de um desenvolvimento e ambos direcionados e seguros.

Os jogos constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções (...), estimula o planejamento das ações e possibilitam a construção de uma atitude positiva diante dos erros, uma vez que as situações se sucedem rapidamente e podem ser corrigidas de forma natural, no decorrer da ação, sem deixar marcas negativas. (BRASIL, 1998, p.46)

Essa estratégia mostra-se eficaz, no processo educativo, pois leva a identificação, associação e clareza da cognição. E além de formas de estudo, também poderá ser analisada com expressão e direto em sua maneira integral para quaisquer finalidades.

CONCLUSÃO

Ao considerar e leva-los a compreender a importância da elaboração e produção do processo escolar, opte por uma pesquisa bibliográfica que nos remete e analisar embasamentos teóricos e reflexões motivadoras.

Esta pesquisa de conclusão de curso tem como objetivo proporcionar aos leitores a compreensão e propósito do processo de alfabetização e suas estratégias nas faixas etárias de seis e sete anos. No momento da elaboração foram valorosas as intervenções citadas pelos autores que despertaram estratégias imprescindíveis para tais níveis e encaminhou a avanços, cuja criatividade ocasionara a desafios para degraus no processo de conhecimento.

Tais objetivos propósitos foram atingidos através da contextualização de forma clara e precisa as práticas pedagógica como: a contribuição dos jogos e brincadeiras e as influências da biblioteca na leitura e escrita e o usos do dicionário para aumento de vocabulário e sentidos. Oportunizando Também, as etapas descritas informam as necessidades para cada fase de desenvolvimento, e que este é um caminho natural e variável. Que com a mediação do professor que promoverá acompanhamentos que atenda cada individualidade.

Foi percebido que o papel do professor de diversas formas e características provoca a capacidade do aluno em aprender. Desse modo poderemos através de embasamentos teóricos trilharem caminhos diferentes e mesmo que árduos recompensados com um aprendizado significativo futuro.

É indispensável considerar que todos os alunos indiscutivelmente são capazes de ler, escrever e entender o mundo a sua volta: assim o educador precisa planejar orientações direcionadas e pertinentes a didáticas que promovam cada vez melhor um processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

_____. **A experiência do MOVA. SP/ Brasil.** Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, (s. n.) 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília:MEC/SEF, 1998.

_____ Magda. **Alfabetização: Dilemas da Prática.** RJ: Dois Pontos, Ed Ltda, 1986.

BARBOSA: José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização sem o ba-bé-bi-bó-bu: Por um construtivismo não psicogenético**. In: **III Congresso Paranaense de Alfabetização**. São Paulo. Scipione. 1999.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 11. ed. – Petrópolis,RJ: Vozes,2014.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47.ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas S. a, 2010, p. 27 – 29.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: RJ:Vozes, 1993.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Sofia Lecher Vicera. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE.

SOARES, Magda. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília:Inep/Reduc, 1991.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

VIEIRA, Adriana Silene et al. **Organização e uso da Biblioteca Escolar e das salas de leitura**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Estadual de Campinas 2006.44 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 03].